



## “Gente diferenciada” e a favelização digital: olhar folkcomunicação sobre conflitos interculturais no terreno da convergência digital<sup>1</sup>

Marcelo SABBATINI<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife-PE.

### Resumo

Se na atualidade a Web 2.0 e a convergência digital acenam com a possibilidade do advento de uma cultura participatória e de um emissor-receptor, que tipos de mensagens serão produzidas pelos usuários das classes menos favorecidas da sociedade brasileira que recentemente superaram a “brecha digital”? A partir desta indagação, refletimos sobre o conceito de favelização digital e analisamos, em caráter exploratório, a formação de um discurso, por parte dos usuários tradicionais, marcado pelo etnocentrismo e pela luta de ocupação do território virtual. A este conflito de classes e potencial reprodução das diferenças de classe propomos algumas vias de análise a partir da teoria da Folkcomunicação, reconhecendo o caráter essencialmente simbólico, cultural e humano do processo de inclusão digital com vistas ao desenvolvimento social.

### Palavras-chave

Mídias digitais, cibercultura, folkcomunicação, favelização, inclusão digital.

O garoto mimado é o herdeiro que se comporta exclusivamente como herdeiro (...) Está condenado a representar o outro, portanto, a não ser nem o outro nem ele mesmo. Sua vida perde inexoravelmente autenticidade, e converte-se em pura representação ou ficção de outra vida. A abundância de meios que está obrigado a manejar não o deixa viver seu próprio e pessoal destino, atrofia sua vida

*Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas.*

### Introdução

Mais do que os historiadores, são as pessoas normais e correntes que melhor interpretam o momento histórico no qual elas vivem. Em maio de 2011, uma moradora de Higienópolis, bairro tradicional da capital paulista, realizou este feito, ao cunhar quase ingenuamente a expressão que representa a mudança social do Brasil no século XXI. Ao ser entrevistada sobre o por quê de os moradores terem se manifestado contra a abertura de uma estação de metrô neste bairro de classe alta, a senhora alegou que a novidade traria “gente diferenciada” à região.

Sob a expressão cuidadosamente esculpida em termos politicamente corretos se esconde um preconceito de classe: a coabitação de espaços e os choques resultantes,

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Doutor em Teoria e História da Educação, Universidad de Salamanca (Espanha). Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação – UFPE; email: marcelo.sabbatini@gmail.com.



dado o contexto de ascensão econômica e de aumento da capacidade de consumo dos estratos menos favorecidos da sociedade brasileira, esta “gente diferenciada”, é observada nos *shopping-centers* e no transporte aéreo, outrora templos exclusivos do consumo da classe média-alta. Mas possivelmente mais representativo, até mesmo por não se apresentar territorializado em primeiro momento, é no espaço virtual formado pelas redes informáticas que o choque de culturas e de classes se torna mais patente.

Desde que se fez presente como tecnologia transformadora da sociedade e da cultura, em meados dos anos 1990, a Internet tornou-se objeto de estudo de uma legião de pensadores, filósofos, comunicólogos, educadores, bibliotecários, administradores, etc., que viram no conceito de rede digital uma solução para os males que afligiam o mundo. Vários foram os modismos e tendências nesta análise científica das “novas” tecnologias de informação e comunicação; sintetizando, poderíamos destacar alguns aspectos deste panorama.

Em primeiro lugar, a convergência digital, com a unificação dos fluxos comunicacionais, em termos de canais, de produtos midiáticos e mesmo dos contextos onde ocorrem a comunicação, em direção a uma síntese representada pela Web. Nesta convergência, a interatividade do meio digital permitiria que o tradicional receptor, elemento passivo do processo comunicacional, transformasse-se um receptor-emissor, capaz de produzir a mensagem, ao mesmo tempo que a consumisse. Ao atuar em comunidade virtuais, cooperando livremente, estes receptores-emissores criariam uma inteligência coletiva, um todo que seria mais do que as somas das partes. E ao ser de uso livre, com participação aberta e regida por gestão democrática, esta convergência digital também seria um grande passo para se alcançar um estado de “cibercidadania”, configurando o “terceiro entorno” do filósofo espanhol Javier Echeverría (1999). Frente à Natureza e à *polis*, configura-se um novo espaço para atuação do ser humano, ainda que reconhecida sua natureza política e social.

Mas simultaneamente, mesmo nas análises mais positivas, a voz crítica que todo acadêmico leva dentro de si gerava dúvidas. E assim, uma observação feita por um dos apóstolos da tecnologia-rede, Manuel Castells (2001), alertava para uma possível “quebra da cultura” e para uma paradoxal incomunicabilidade, como consequência do uso amplo das tecnologias de informação e comunicação.

Esta possibilidade de fragmentação cultural possivelmente não foi compreendida pelos estudiosos e praticantes das tecnologias de informação e comunicação e da cibercultura...até agora. Buscaremos estabelecer algumas linhas de pensamento sobre os



choques culturais que estão se produzindo no cenário das mídias digitais, dentro do contexto denominado de “favelização digital”, sugerindo uma via de análise dos mesmos através da teoria da Folkcomunicação.

### **A convergência digital**

No cenário da sociedade globalizada e midiaticizada, ela se tornou uma palavra de ordem. “Convergência”, em um primeiro momento, tecnológica, na medida em que os dispositivos e aplicativos de acesso a estas redes de informação e comunicação se aproximam, mesclando-se e abrindo novas possibilidades de uso. Mas convergência também de contexto, conforme as diversas instâncias da vida social se veem amalgamadas diante do conceito-síntese Internet. As instituições tradicionais da Era Industrial, *mass media* inclusos, veem seu tradicional espaço de atuação compartilhado por estes processos informais de acesso aos bens culturais, marcados pela lógica de atuação em rede e de colaboração. Ao mesmo tempo, um movimento paralelo faz com que meios de comunicação (mídias) e sua acompanhante indústria de dispositivos e aparelhos, compartilhem objetivos, funções e linguagens. Como “tecnologia de síntese”, será a Internet a principal confluência dos diversos canais comunicativos.

Segundo Briggs e Burke (2004), embora o termo “convergência” tenha ganho notoriedade na década de 1990, quando as plataformas informáticas possibilitaram a integração de textos, imagens estáticas ou em movimento, sons e outros tipos de representação em um mesmo meio, esta junção já ocorria anteriormente. Atualmente, os meios de comunicação tradicionais como rádio, jornal e televisão se mesclam, baixo a égide do “multimídia”; com o advento da interatividade da Web 2.0, o conceito é atualizado como:

o fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplas indústrias da mídia e o comportamento migratório das audiências da mídia que irão quase a qualquer lugar em busca das novas experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue descrever mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que se pensa estar falando (JENKINS, 2008, p. 2-3).

Para este autor, criador do termo “cultura de convergência”, esta não é um fenômeno essencialmente midiático ou tecnológico; é muito mais uma mudança cultural, na medida em que depende fortemente dos usuários e de seu desejo de estabelecer conexões entre conteúdos dispersos. Nesse contexto de “cultura



participativa”, o consumo dos produtos simbólicos torna-se um processo coletivo de forma que a combinação de habilidades e a constituição de um corpo amplificado de conhecimentos a partir da soma do conhecimento de cada indivíduo se relaciona ao conceito de “inteligência coletiva” de Pierre Lévy (1999).

Um ponto importante a destacar dentro do debate sobre a convergência, o qual terá grande repercussão na aplicação das mídias à educação, é a substituição dos “velhos” meios de comunicação pelos “novos”, uma polêmica reacendida a cada inovação tecnológica desenvolvida. Neste sentido, a delimitação proposta por Gitelman (2006 apud JENKINS, 2008) serve de referência: um “meio” é em primeiro momento uma tecnologia que permite o estabelecimento de uma comunicação, mas também uma série de protocolos e de códigos culturais associados.

Uma consequência desta definição é entender os meio de comunicação como entidades dotadas e ao mesmo inseridas dentro de uma determinada cultura, possuindo um sistema de produção, recepção e significação próprios. Assim,

quaisquer mídias, em função dos processos de comunicação que propiciam, são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio e que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômica e as consequentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo. Considerando-se que as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais, pode-se estudar sociedades cuja cultura se molda pela oralidade, então pela escrita, mais tarde pela explosão das imagens na revolução industrial eletrônica etc. (SANTAELLA, 2003, p. 25)

Ao estabelecer os meios de comunicação como categoria cultural, será preciso pensar também a convergência do usuário, o elemento humano que fará uso e construirá significados a partir deles. Ao ser inserido em um contexto de interatividade (no momento em que as redes globais informáticas são somadas ao potencial do computador), o usuário transforma-se não mais em conteúdo passivo, receptor final da comunicação, mas passa a se tornar um produtor de informações, quiza de conhecimento (CASTRO, 2005).

Neste sentido, mesmo sem ter alcançado os níveis de participação crítica, democratizante e transformadora da realidade que as primeiras análise das “novas” tecnologias de informação e comunicação alardeavam, existem evidências que o modelo de comunicação unilateral, de cima para baixo, centrado no especialista, foi colocado



para sempre em cheque diante da emergência de um leitor-autor-produtor de mídias e, muitas vezes, de um autor coletivo.

Assim, a portabilidade dos telefones móveis, a imersividade dos chamados “metaversos” e outras simulações imersivas em 3D que funcionam como metáforas do mundo real, a interatividade das redes sociais, são todos fenômenos que se veem impulsionados pela convergência tecnológica e que ampliam as oportunidades comunicacionais da população em geral. Porém, o que ocorre quando diferentes classes sociais se encontram no novo espaço social criado pelas tecnologias de informação e comunicação?

Retornando a Castells, podemos vislumbrar a “quebra da cultura” como decorrente de uma série de tendências simultâneas, ocorridas em escala mundial, mas que se fazem bastante patentes no Brasil. Aqui, o crescimento expressivo do poder aquisitivo das classes C e D, resultante de anos de estabilidade econômica e de políticas inclusivas levou ao rápido preenchimento da chamada “brecha digital”, em termos daqueles “com acesso” e dos “sem acesso”, pelo menos na perspectiva econômica e tecnológica. Câmaras digitais e aparelhos celulares baratos com dilatadíssimos prazos de pagamento e o fenômeno de conectividade das “*lan houses*” permitiram que uma grande parcela da população antes excluídas tivesse acesso a Internet.

Por outro lado, após uma primeira geração, a promessa de participação ampla e irrestrita dos usuários se tornava realidade na chamada Web 2.0, marcada pela convergência, pelos relacionamentos pessoais, pela sociabilidade e por uma facilidade de manuseio nunca antes vista. Unindo as duas tendências, em um momento histórico ímpar, o ciberespaço, antes hegemônico, tornou-se agora palco de conflitos...

### **A “favelização” digital**

Piscinas de plástico armadas no quintal, banho de sol na laje, poses sensuais frente a uma parede de tijolos nus ou às tábuas de madeira do barraco. Formas diversas de socialização são registradas e “postadas” na Rede, para o escândalo daqueles que reinavam no espaço virtual. E sem nenhuma ponta de vergonha ou de submissão aos padrões estéticos hegemônico-globalizantes. Outro ponto fundamental, a linguagem utilizada nas descrições das fotos, nos “*scraps*”, nos depoimentos, tão distantes da norma culta...Em conjunto, essas produções simbólicas da “massa digital” são alvo de análise humorística/irônica, mas também causam insatisfação e mesmo o abandono do território, em busca de espaços mais elitizados.



A metáfora utilizada para denominar esta tendência não poderia ser mais reveladora: a favela. Assim como na *polis*, a transformação do “terceiro entorno” em um território marcado por diferenças, por estruturas de classe, por preconceitos, mas também por convivência acomodada, eternamente a beira de um conflito, traz em si uma das mais marcantes contradições brasileiras. Na rapidez própria das redes sociais, a entrada da “gente diferenciada” no território ciberespacial foi alcunhada de “favelização digital”. Mas do que se trata?

Partindo do conceito antes visto de favela, favelização é então, o fenômeno social do crescimento e proliferação das favelas, processo que ocorre principalmente nas grandes metrópoles de países subdesenvolvidos. A existência das favelas desvaloriza as terras localizadas em sua proximidade. Ao remover a favela, remove-se um dos obstáculos para aumentar a renda da terra, ao mesmo tempo em que se leva “para mais longe” os seus moradores e sua pobreza. Aplicando-se esta idéia de favela e favelização ao site de relacionamentos, o *orkut* é um espaço que vem sendo ocupado por pessoas pertencentes a camada mais pobre das sociedades, e isso faz com que este decaia no sentido de perder aspectos intelectuais e passando a alimentar-se cada vez mais de uma cultura popular de massa, o que lhe atribui certo ponto negativo, gerando preconceito por parte daqueles que integraram o site em seu princípio. A favelização do *orkut* seria então a entrada abundante de usuários com baixa renda e poder aquisitivo limitados (SIMONATO, 2010)

Se os usuários tradicionais das redes sociais identificaram um novo conjunto de práticas oriundas destes “favelados digitais”, qual então sua origem? Em levantamento anterior ao *boom* de ascensão social vivenciado durante os anos do governo Lula, o nível de inclusão digital nas comunidades carentes do Rio de Janeiro era considerável, sendo que 20,3% dos moradores de comunidades de baixa renda na cidade usavam computador, 11,6% acessavam a Internet e 4,6% utilizavam serviços de correio eletrônico (NÚCLEO DE PESQUISA FAVELA, OPINIÃO E MERCADO, 2003).

Contudo, este estudo revelou que mesmo dentro da exclusão há exclusão, com identificação de uma correlação positiva entre o nível de escolarização e a posse de microcomputador em casa, com um efeito de “alargamento da distância entre a renda dos 'com-micro' e a dos 'sem'”. Já Waiselfisz (2007) constatou que somente 13,3% dos negros são usuários, mais de duas vezes menos que os de raça branca, evidenciando que a exclusão digital tende a reproduzir as condições que perpetuam o racismo no Brasil.

Contudo, o recente e grande crescimento da base de usuários (estimado em 13% no período 2009-2010) pode ser explicado justamente pela entrada na Rede daqueles que anteriormente não possuíam acesso: as classes C e D.



## Etnocentrismo e luta pelo território virtual

A favelização do meio digital, entretanto, reflete um conflito de ocupação, semelhante ao mundo físico. Aqui, mais que as praças, que as novas estações de metrô e que e outros locais de convivência social, serão os sites, blogs e as redes sociais que serão objeto de disputa. A convivência forçada, contudo, trouxe consigo os primeiros atritos e a emergência de um discurso etnocentrista:

o que qui irá chamar-se de etnocentrismo digital e/ou virtual; e a divisão social por classe econômica do acesso aos sites de redes sociais. Tal modalidade de etnocentrismo, sob a ótica deste trabalho, refere-se à avaliação de que o uso, de um determinado site de redes sociais, feito pelo usuário e/ou pela comunidade de interesse dele é tido como o mais relevante, inteligente e adequado, e todos os demais usos são entendidos e discriminados como sendo banais, não dotados de intelectualidade e inadequados. pode vir a aprofundar a lacuna entre ricos e pobres, maximizar preconceitos, e eliminar a possibilidade criada pela Internet de as pessoas conectarem-se e conversarem sem impedimentos relacionados à sua localização territorial ou condição cultural e sócio-econômica (DO CARMO, 2009).

A observação empírica, por não-estruturada que seja, mostra-nos o surgimento de um preconceito e das primeiras faíscas resultantes deste choque. Como exemplo, os seguintes comentários, publicados em blogs, demonstram esta dualidade<sup>3</sup>:

Inclusão digital é nada mais, nada menos do que um bando de pessoas pobres, burras e metidas tendo acesso de alguma forma (como LanHouses de R\$:1,00 a hora, escolas públicas e etc.) a computadores com internet. Isso pode parecer bom, mas... Veja o que os pobres fizeram com o Orkut. Transformaram um site legal em um verdadeiro depósito de cyberlixo.

é lamentável um site tão útil como o orkut tenha sido dominado por esses seres sem nenhuma capacidade de raciocínio, por essas e outras que muita gente está migrando pro facebook que apesar de ter uma interface pior ainda não chegou na favela.

Pobre que se preze tem que ter o muro ou a casa sem rebocar, pois o chic da parada é o fundo de TIJOLO. O que é uma imagem sensual de uma gatinha pobre sem um fundo de tijolo para dar aquele ar piriguete? Nada! Sem fundo de tijolo não rola. Quanto mais estiloso o fundo com tijolos, mais ibope ela vai ter com a moçada do bairro.

Pior que citação de musica (sic) sertaneja no twitter, são citações de musicas (sic) se é que pode chamar de música, funk; Maldita orkutização.

---

<sup>3</sup>Os comentários, reproduzidos literalmente, mostram um aspecto perverso de qualquer etnocentrismo ou preconceito: sempre poderá haver algum outro grupo que se considere superior, tendo como base seus próprios padrões de julgamento. Os textos em questão podem ser considerados pretensiosos, a luz das regras clássicas da argumentação, da retórica e, no mínimo, da composição gramatical e ortográfica.



Parece q o twitter tah sofrendo por um processo de ‘orkutização’ [...] saudades dos tempos em q tudo era mais seletivo”

Bom, eu uso Orkut faz tempo, desde a época que brasileiro não era tão comum por lá. E vou ter falar viu, era bom...tinha uns 19 amigos no meu Orkut, todos eu conhecia, os que foram adicionados e eu não conhecia era porque acabei pegando amizade das comunidades. E as comunidades tinham gente inteligente, que falava coisa das letras que eu nunca imaginaria. Conheci bastante gringo no Orkut, hoje continuo falando com eles ou pelo MSN, ou pelo ICQ. Ai alguém decidiu fazer a piada do Yakult, e Orkut virou moda no Brasil. Sabe, brasileiro ainda é novo com esse lance de internet, e infelizmente transportou a mediocridade da vida para o Orkut [...] Tomara que acabe mesmo, a rede ficou sem sentido que depois dos brasileiros... deixando um monte de adolescente/pseudo-adolescente e gente de intelecto duvidoso "mandar iscrépi”

Mais além destes primeiros indícios da representação social dos “favelados digitais” algumas iniciativas mais sistematizadas se dedicam a capturar e interpretar o choque cultural. Sites e blogs como *Tolices do Orkut* ou *Pérolas do Orkut*<sup>4</sup> ridicularizam as expressões destes novos usuários, como por exemplo os erros ortográficos e gramaticais, as fotos em cenários e situações inusitadas (do ponto de vista da classe dominante, logicamente) e revelando um desejo de exclusão (DO CARMO, 2009).

Em soma, considerando tanto os comentários disseminados através da Web 2.0 como de recursos informacionais que congregam esta interpretação das classes emergentes no meio digital, temos que:

Essas falas apontam claramente para a construção de um preconceito. E esse preconceito, como construção cultural vai agregando outras práticas, tal como a migração das classes mais altas para ferramentas mais “seguras” como o Facebook (...) Enquanto o Facebook soa como um espaço “salvo”, “privado” e “seguro”, o Orkut é frequentemente retratado como um espaço de “crime”, “falta de segurança” e “risco”. O que parece acontecer aqui é a mesma construção cultural da divisão de classes observada pela danah [Danah Boyd, pesquisadora norte-americana.] nos Estados Unidos. Estamos transportando preconceitos sociais que estão firmemente construídos na sociedade brasileira para o ciberespaço (RECUERO, 2010)

---

<sup>4</sup>Outros sites e comunidades virtuais se dedicam àquela atividade que é considerada, ironicamente, como a finalidade principal da Internet: a distribuição de material pornográfico. Alicerçados na própria ingenuidade dos usuários e usuárias, estas iniciativas compilam fotos e vídeos de garotas e casais em poses sensuais, em nudez ou mesmo em sexo explícito amador. Com nomes como *Faveladas do Orkut*, expressam ao mesmo tempo preconceito e exploração sexual. Fugiria do escopo do presente trabalho buscar as fontes antropológicas para a explicação desta relação desprezo-desejo; vislumbramos, porém, sua raiz nas relações sexuais entre senhores e escravas durante o período colonial, como argumentaram em seu momento Roberto DaMatta e Gilberto Freyre.



Como produções simbólicas, o discurso a respeito da “favelização” do ciberespaço oculta consequências mais graves:

Nesse sentido é que se instala uma contradição no processo de apreensão, expressa em uma crise de representação no que diz respeito à correspondência entre o objeto representado e a imagem hegemônica que dele se tem. A percepção que se tem do objeto acaba por não traduzir os elementos materiais que o significam. Assim, a representação conceitual foi sendo, de forma progressiva, substituída por uma representação estereotipada. Nesta, os pré-conceitos e juízos generalizantes, desprovidos de relação direta com o núcleo do fenômeno, caracterizam o processo de apreensão dos sujeitos sociais em seus territórios de morada na cidade (SOUZA E SILVA, 2009).

Este mesmo autor alerta para o fato de que as representações simbólicas ao redor do conceito de favela acabam orientando as práticas governamentais e privadas; assim as “as ações nas favelas são mais vistas como formas de prevenção da violência do que direitos de exercício de cidadania; as iniciativas são fragmentárias; os investimentos são precários”. Do mundo real para o espaço virtual, e traçando um paralelo, o preconceito que se forma ao redor do “erro” pode gerar iniciativas de inclusão digital que busquem muito mais adequar as expressões deste usuários às normas/estéticas dominantes do que potencializar a participação e a formação de consciência crítica.

### **O aporte da Folkcomunicação**

Diante dos dilemas e conflitos expostos, naturalmente emerge o conceito de interculturalidade. Se desejarmos compreender melhor como se está processando esta ocupação do espaço virtual, sem cairmos nós próprios no preconceito ou em uma ideologia moralizante, será preciso ter uma visão do “outro”.

Neste sentido, a teoria da Folkcomunicação pode se revelar um referencial teórico frutífero para esta análise, ao trazer embutida em si a “voz dos excluídos” e a compreensão de como o sistema de comunicação hegemônico se articula com a comunicação popular.

O que a realidade demonstra, todavia, é que os espaços populares são formados por diversas redes sociais nas quais se fazem presentes diversas práticas e representações. É o grau de *pertencimento* e de interesse em garantir ou melhorar sua posição nas redes sociais que orientará as ações dos diferentes agentes e atores. Essa caracterização serve tanto para os grupos sociais populares como para os médios e os dominantes que se fazem presentes na cidade (SOUZA E SILVA, 2009)



Também neste sentido, cabe destacar que mais além das manifestações individuais, dos “excluídos” e “marginalizados”, os coletivos folkcomunicaçãois se manifestam intensamente, quantitativa e qualitativamente, no âmbito digital. Assim,

Esse território [expressões folkcomunicaçãois] mostrou-se fértil, principalmente para a germinação e o cultivo de relatos sobre as atividades desenvolvidas pelos agentes folkcomunicaçãois, ampliando consideravelmente seu raio de ação. Além de garantir a sobrevivência de vários gêneros ou formatos de expressão popular, a web permite multiplicar os seus interlocutores, bem como ensejar o intercâmbio entre grupos e pessoas que possuem identidades comuns, mesmo distanciados pela geografia (MARQUES DE MELO, 2005).

Além disso, a facilidade de publicação, a convergência digital e a onipresença destes fluxos comunicaçãois faz com que a Rede seja o local apropriado para a observação de um fenômeno caro aos pesquisadores da Folkcomunicação: o embate entre a comunicação hegemônica, representativa de uma cultura de massas e a cultura popular.

Considerando os construtos teóricos que revitalização da teoria da Folkcomunicação têm nos brindado, podemos então realizar uma série de questionamentos sobre este panorama turbulento e mutável. Como ocorrem estas apropriações e mediações, se é que elas ocorrem? Como os símbolos e as representações da indústria cultural se impõe e invisibilizam manifestações que seriam mais autênticas de cada grupo? Como resgatar o “artesanato”, no sentido da produção cuidadosa e elaborada, fruto do amadurecimento da tradição? Como re-operacionalizar a atuação coletiva, frente ao papel individualizante do computador? E qual o papel e o futuro dos ativistas folkmidiáticos, antes intermediadores do processo comunicacional e substituídos pela comunicação direta, via Orkut ou blog?

Estas formulações nos levam ao que poderíamos considerar as questões fundamentais no debate sobre a tecnologia de informação e comunicação: em primeiro lugar, o que se entende por “inclusão digital”? É apenas a conectividade e o acesso aos aparelhos informáticos e tecnológicos (e que em última instância favorecem ainda mais as classes dominantes, os “senhores do ar” na terminologia de Echeverría). Ou ela passa também pela inclusão social e, ainda mais importante, por uma inclusão informacional ou cognitiva? E diretamente relacionado a primeira questão, quais serão os “usos com sentido” da mídia digital? Em outras palavras, o acesso às redes digitais irá transformar, sensibilizar, fazer o ser humano alcançar o melhor de seu potencial? Ou estas mídias



convergentes serão somente uma versão mais sofisticada de alienação dos indivíduos e dos grupos?

## **Considerações**

Falta de infraestrutura, ocupação irregular e desordenada, baixo padrão cultural, imiscuição com crimes que vão do tráfico de drogas à prostituição controlada por gangues. Assim, como no mundo real, a “favelização” do ciberespaço possui como principal consequência a reprodução da sociedade de classes e a reprodução das desigualdades. Uma vez superados os choques iniciais, podemos também identificar outras tendências deste movimento:

### **1. Apocalípticos e integrados em reciclagem**

A dualidade na compreensão dos efeitos da cultura de massa, magistralmente batizada por Umberto Eco, será mais uma vez resgatada no momento em que a comunidade acadêmica comece a analisar o fenômeno. Para muitos, a democratização das mídias digitais representará o fim da cultura; para outros, o estado turbulento atual é apenas um momento de transição na revolução em busca de uma sociedade mais democrática e participativa.

### **2. O sinal e o ruído**

A medida em que mais e mais mensagens são geradas, e a medida em que estas mensagens são de baixa qualidade, será observada uma saturação do canal de comunicação representado pelas mídias digitais. Mais do que isso e amparados na teoria comunicacional de Shannon-Weaver, conforme a taxa entre o ruído e as mensagens autênticas e úteis aumenta, o canal perde sua eficiência e utilidade. Como exemplo, se ao fazermos uma busca no repositório de vídeos YouTube, visando encontrar materiais didáticos e vídeos ilustrativos, encontrarmos listas e mais listas de bizarros vídeos amadores: a ferramenta se tornou ineficiente. No futuro, o risco seria o de não se encontrar nada de útil, estético ou coerente no mar de informação amadora<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>Já assumindo uma posição apocalíptica, Keen (2007) lança sérias dúvidas sobre o processo de democratização de geração dos bens culturais e simbólicos característicos da chamada Web 2.0 e pal constituição de uma “cultura do amador”. Sua tese, a de que a facilidade de criação e de publicação no meio digital está “matando” as instituições responsáveis pela criação da cultura como são as editoras, as gravadoras e os meios de comunicação de massa, com isso ameaçando nosso futuro cultural



### 3. A privatização do espaço virtual

Uma solução contingencial para o problema acima será, evidentemente, a separação dos ciber(espacos) segundo critérios econômicos, com a adoção de serviços e de comunidades virtuais acessíveis somente para aqueles que possam pagar o preço de entrada. Por um lado, dentro da economia informacional tem se destacado o modelo “*freemium*”, combinando o gratuito (“*free*”) com o exclusivo (“*premium*”), no sentido de que aqueles usuários que desejam mais recursos do que os oferecidos na versão grátis podem obtê-los mediante o pagamento de taxas.

Porém, a separação entre as “elites” e as “massas” digitais teria um objetivo distinto, ao situar esta ação no campo das interações sociais e não do uso/privilégio individual. Outra possibilidade de erigir este “muro” digital seria através da utilização de códigos e símbolos específicos de determinada classe<sup>6</sup>; possivelmente, o fator que mais dificultou e que ainda dificulta que muitos brasileiros adentrem os campos dourados do Facebook é a interface no idioma inglês<sup>7</sup>. Em última instância, a privatização do espaço virtual significa a falência da utopia da comunicação livre, aberta, democrática, transformadora que tanto se proclamou para a Internet.

Voltando a nosso teórico da convergência digital, a questão do acesso, ou da “brecha de participação” é reconhecida por Jenkins como um impedimento para a realização plena da “cultura participativa” e da inteligência coletiva que seriam características da convergência digital. Contudo, similar a muitos argumentos sobre a inclusão digital, será preciso reconhecer a dicotomia tecnologia versus conteúdo, prevalecendo o último para que qualquer tipo de mudança seja possível: “enquanto o foco permanecer no acesso, a reforma permanecerá focada na tecnologia; assim que começarmos a falar de participação, a ênfase mudará para os protocolos e práticas culturais” (JENKINS, 2008, p. 230).

---

<sup>6</sup>Em uma cidade, um muro separa o *shopping-center* e seus tesouros globalizados de uma favela e dos absolutamente excluídos. Mas também dentro do centro comercial, muros invisíveis separam os consumidores das lojas classe “AA” dos frequentadores dos comércios varejistas de salões e ofertas. Estes últimos nem sequer ousam entrar nas primeiras lojas, mesmo que não existam barreiras físicas. As teorias da Escola de Chicago, e especificamente de Robert Park, que muito influenciaram o surgimento da Folkcomunicação, podem ser úteis para ampliar a compreensão da territorialização.

<sup>7</sup>A primeira vista se produz um fenômeno curioso com as redes sociais: em seu início elas são pensadas como “clubes” exclusivos, ideia que o citado “A Rede Social” captura com maestria, quando mostra como o acesso às elites das principais universidades norte-americanas serviu de estímulo, como objeto de desejo para que serviço fosse alavancado. Porém, na medida em que a base de usuários começa a crescer (e também o número de cliques e os dólares gerados), o sentido de exclusividade se perde.



Neste ponto, muito mais que os aspectos tecnológicos, econômicos e infra-estruturais; devemos centrar o foco da inclusão no elemento humano, no contexto social da questão, reconhecendo-o como elemento central do funcionamento do sistema sócio-técnico caracterizado pelo ciberespaço. Para tanto, a inserção destes novos contingentes passa pela capacitação e geração de conteúdo, os mecanismos e infra-estruturas sociais de sua utilização e o entendimento pleno do que significa a tecnologia, para quem se quer utilizar e quem se beneficiará dela,

Caso este projeto não se concretize e baseados nestas pistas que temos de uma “favelização” crescente das mídias digitais, com a observação dos choques culturais entre classes dominantes e subalternas, temperada com uma cultura do amadorismo que afeta a todos.

Diante da ameaça da “quebra da cultura”, podemos inquirir: quão transformadoras realmente são as mídias digitais? Ou o espaço social-político-comunicacional do “terceiro entorno”, com a entrada das “massas digitais” potencialmente se transformará em um espelho da sociedade “real”, com o surgimento de estruturas estratificadas de organização social, de mecanismos de controle, de exclusão sistematizada? Acompanhar de perto este debate, com o aporte da teoria folkcomunicacional e com o amparo da pesquisa empírica é tarefa que nos compete.

### Referências bibliográficas

DO CARMO, Rualendson. Preconceito social na internet: a reprodução de preconceitos e desigualdades sociais a partir da análise de sites de redes sociais. In: **3º Seminário Blogs: Redes Sociais e Comunicação Digital, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cultura**, Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, 22 de Set. de 2009. Disponível em: <<http://nicolesimonato.blogspot.com/2010/01/o-fenomeno-orkut-e-sua-favelizacao.html>>. Acesso em 12 maio 2011.

CASTELLS, Manuel. Museums in the Information Era. Cultural connectors of time and space. *ICOM News - Newsletter of the International Council of Museums*, v. 54, . 3, 2001.

CASTRO, Cosette Espindola de. A convergência digital e os atores sociais – um panorama das iniciativas brasileiras. In: **Anais V ELEPICC-Encontro Latino-Americano de Economia Política e Informação**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2005.

GITELMAN, Lisa. **Media as historical subjects, always already new**: media, history and the data of culture, Cambridge (MA): MIT Press, 2006.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**: where old and new media collide. Nova York: New York University Press, 2006.

KEEN, Andrew. **The cult of the amateur**: how today's Internet is killing our culture. New York: Doubleday, 2007.



- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação na era digital: a comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. In: V **Bienal Iberoamericana de Comunicación**. Instituto Tecnológico de Monterrey, 19-22 set. 2005. Disponível em:  
<[http://www.marquesdemelo.pro.br/textos/textos\\_recentes/txt\\_rec\\_03.htm](http://www.marquesdemelo.pro.br/textos/textos_recentes/txt_rec_03.htm)>. Acesso em 12 maio 2011.
- SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 22-33, dez. 2003.
- RECUERO, Raquel. Orkut x Facebook: Divisão de classe no Brasil? **Social Media**, 23 jul. 2010, Disponível em:  
<[http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/orkut\\_x\\_facebook\\_divisao\\_de\\_classe\\_no\\_brasil.html](http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/orkut_x_facebook_divisao_de_classe_no_brasil.html)>. Acesso em 12 jun. 2010.
- SOUZA E SILVA, Jailson (org.) **O que é a favela, a final?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:  
<<http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/includes/publicacoes/6157bf4173402e8d6f353d9bcae2db9c.pdf>>. Acesso em 12 maio 2011.
- SIMONATO, Nicole. **O fenômeno Orkut e a sua “favelização”**, 20 jan. 2010. Disponível em:  
<<http://nicolesimonato.blogspot.com/2010/01/o-fenomeno-orkut-e-sua-favelizacao.html>>. Acesso em 12 maio 2011.
- WASELFSZ, Julio Jacobo. **Lápis, borracha e teclado**: tecnologia da informação na educação Brasil e América Latina. São Paulo: Ritla/Sangari, 2007.